

**ALIMENTAÇÃO SUSTENTÁVEL E SEGURANÇA ALIMENTAR PARA AS PESSOAS
COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

**SUSTAINABLE NUTRITION AND FOOD SECURITY FOR PEOPLE WITH AUTISM
SPECTRUM DISORDER**

**NUTRICIÓN SOSTENIBLE Y SEGURIDAD ALIMENTARIA PARA PERSONAS CON
TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA**



10.56238/revgeov16n5-253

Maryane Francisca Araujo de Freitas Cavalcante

Mestranda em Propriedade Intelectual
Instituição: Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: moren.afc@hotmail.com

Maria Raimunda D'Jesus Neta

Mestranda em Propriedade Intelectual
Instituição: Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: maraimunda174@gmail.com

Leonilson Neri dos Reis

Mestrando em Propriedade Intelectual
Instituição: Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: leonyllson18@hotmail.com

Luiz Melo Araújo

Mestrando em Propriedade Intelectual
Instituição: Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: luiznutricionista@hotmail.com

Lucileide Aquino do Nascimento

Mestranda em Propriedade Intelectual
Instituição: Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: lucileideaquino1980@gmail.com

Rildo da Silva Oliveira

Mestrando em Propriedade Intelectual
Instituição: Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: rildexter@gmail.com

Marcelo Cunha de Andrade

Mestrando em Propriedade Intelectual
Instituição: Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: marcelo.andrade@ebserh.gov.br



Erimar Pereira da Rocha

Mestrando em Propriedade Intelectual
Instituição: Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: erimardarocha@gmail.com

Francílio de Amorim dos Santos

Doutor em Geografia
Instituição: Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: francilio.amorim@ifpi.edu.br

Bruna de Freitas Iwata

Doutora em Agronomia -Solos e Nutrição de Plantas
Instituição: Instituto Federal do Piauí (IFPI)
E-mail: iwata@ifpi.edu.br

RESUMO

A alimentação sustentável emerge como estratégia relevante para promover saúde e qualidade de vida de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente diante dos desafios alimentares relacionados à seletividade, hipersensibilidades sensoriais e restrições nutricionais. Este estudo, baseado em revisão integrativa, analisa a relação entre agroecologia, segurança alimentar e práticas nutricionais voltadas a indivíduos com TEA. Foram consultados artigos nacionais e internacionais que abordam seletividade alimentar, produção sustentável de alimentos e políticas públicas associadas. Os achados evidenciam que sistemas agroecológicos, ao fornecer alimentos livres de contaminantes químicos, diversificados e de maior qualidade nutricional, podem favorecer maior aceitação alimentar, reduzir riscos associados ao consumo de ultraprocessados e ampliar a autonomia nutricional dessa população. Conclui-se que integrar práticas agroecológicas às estratégias de cuidado nutricional representa caminho promissor para fortalecer a segurança alimentar, promover inclusão social e apoiar o direito humano à alimentação adequada para pessoas com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Segurança Alimentar e Nutricional. Agroecologia. Alimentação Sustentável. Seletividade Alimentar.

ABSTRACT

Sustainable food emerges as a relevant strategy to promote the health and quality of life of people with Autism Spectrum Disorder (ASD), especially in the face of dietary challenges related to selectivity, sensory hypersensitivities, and nutritional restrictions. This study, based on an integrative review, analyzes the relationship between agroecology, food security, and nutritional practices aimed at individuals with ASD. National and international articles addressing food selectivity, sustainable food production, and associated public policies were consulted. The findings show that agroecological systems, by providing foods free of chemical contaminants, diversified, and of higher nutritional quality, can favor greater food acceptance, reduce risks associated with the consumption of ultra-processed foods, and expand the nutritional autonomy of this population. It is concluded that integrating agroecological practices into nutritional care strategies represents a promising path to strengthen food security, promote social inclusion, and support the human right to adequate food for people with ASD.



Keywords: Autism Spectrum Disorder. Food and Nutritional Security. Agroecology. Sustainable Food. Food Selectivity.

RESUMEN

La alimentación sostenible surge como una estrategia relevante para promover la salud y la calidad de vida de las personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA), especialmente ante los desafíos dietéticos relacionados con la selectividad, las hipersensibilidades sensoriales y las restricciones nutricionales. Este estudio, basado en una revisión integrativa, analiza la relación entre la agroecología, la seguridad alimentaria y las prácticas nutricionales dirigidas a personas con TEA. Se consultaron artículos nacionales e internacionales que abordan la selectividad alimentaria, la producción sostenible de alimentos y las políticas públicas asociadas. Los hallazgos muestran que los sistemas agroecológicos, al proporcionar alimentos libres de contaminantes químicos, diversificados y de mayor calidad nutricional, pueden favorecer una mayor aceptación alimentaria, reducir los riesgos asociados al consumo de alimentos ultraprocesados y ampliar la autonomía nutricional de esta población. Se concluye que la integración de prácticas agroecológicas en las estrategias de atención nutricional representa una vía prometedora para fortalecer la seguridad alimentaria, promover la inclusión social y apoyar el derecho humano a una alimentación adecuada de las personas con TEA.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Seguridad Alimentaria y Nutricional. Agroecología. Alimentación Sostenible. Selectividad Alimentaria.



1 INTRODUÇÃO

A agroecologia é uma ciência que consiste na agricultura de uma forma mais consciente e respeitosa com o meio ambiente pois é vista como uma alternativa inovadora à agricultura industrial tradicional, trazendo um novo paradigma que pode transformar a forma como produzimos alimentos. Ela busca criar sistemas agrícolas que sejam sustentáveis, ou seja, que possam ser mantidos ao longo do tempo sem prejudicar a natureza. Além disso, a agroecologia valoriza as culturas locais, promove justiça social e busca ser economicamente viável, pensando no bem-estar de todos. É uma abordagem que une o cuidado com o planeta e com as pessoas, promovendo uma agricultura mais equilibrada e responsável (Silva; Silva; Marinho, 2024).

Ela fundamenta-se em práticas agrícolas que integram dimensões políticas, sociais, ecológicas, culturais, éticas, energéticas e tecnológicas, orientadas ao fortalecimento do desenvolvimento rural. Essa abordagem valoriza o resgate e a preservação de saberes tradicionais e ancestrais, promovendo e recriando formas sustentáveis de manejo dos recursos naturais. Seu propósito central é viabilizar uma produção de alimentos ambientalmente menos poluente e socialmente mais saudável, minimizando impactos negativos tanto ao ecossistema quanto à saúde humana, por meio da redução ou eliminação do uso intensivo de agrotóxicos e outros insumos químicos capazes de contaminar o solo, a água e a cadeia alimentar (Andrade; Saraiva; Previero, 2023).

Assim, a agroecologia propõe um modelo de produção de alimentos ambientalmente sustentável e socialmente saudável, minimizando impactos negativos ao meio ambiente e à saúde humana por meio da redução ou eliminação do uso intensivo de agrotóxicos e demais insumos químicos sintéticos. A utilização de tais substâncias está associada à contaminação do solo, da água e dos alimentos, bem como a relevantes problemas de saúde pública, havendo estimativas que indicam um consumo médio anual de aproximadamente 7 kg de agrotóxicos por habitante no Brasil. Por definição, os alimentos oriundos de sistemas agroecológicos são isentos de contaminantes químicos, o que representa uma vantagem significativa para a saúde coletiva, ao possibilitar uma dieta mais segura, nutritiva e de qualidade responsável (Silva; Silva; Marinho, 2024).

Nesse cenário, a agroecologia também se apresenta como uma aliada no enfrentamento de desafios alimentares específicos, como a seletividade alimentar. Essa condição cada vez mais frequente na infância, é caracterizada pela ingestão restrita a um número limitado de alimentos e pela recusa recorrente em experimentar novos itens. A seletividade alimentar apresenta uma dificuldade acentuada entre crianças com transtornos do desenvolvimento, especialmente aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em comparação às crianças com desenvolvimento típico (Uchoa et al., 2024).

Ao oferecer alimentos in natura, diversificados, livres de contaminantes químicos e produzidos de forma sustentável, a agroecologia contribui para ampliar as opções seguras e nutritivas disponíveis,



favorecendo estratégias de introdução gradual de novos alimentos. Além disso, auxilia as famílias a encontrar opções mais saudáveis e variadas para crianças com seletividade alimentar promovendo uma alimentação mais equilibrada e compatível com as necessidades nutricionais e sensoriais dessas crianças (Brasil, 2014).

Assim, observa-se um crescimento significativo na preocupação global e nacional com a sustentabilidade na produção de alimentos, impulsionada pelos impactos ambientais adversos associados ao modelo agrícola convencional. Este modelo, caracterizado pelo uso de monoculturas, além do emprego de agrotóxicos e fertilizantes químicos, tem sido alvo de críticas devido às suas consequências para a biodiversidade, a qualidade do solo, a saúde dos ecossistemas e a saúde humana (Becker; Ximenes, 2023; Brasil, 2014)

Nesse contexto global marcado por insegurança alimentar, má nutrição e impactos da alimentação industrializada, o Brasil tem avançado em políticas que articulam agroecologia e promoção da saúde. Essa integração mostra-se especialmente relevante para populações vulneráveis, como pessoas com TEA, cujas necessidades nutricionais específicas podem ser melhor atendidas por práticas alimentares mais naturais, diversificadas e sustentáveis. Essa abordagem dialoga tanto com a saúde ambiental quanto com a qualidade de vida, reforçando a importância de modelos alimentares que conciliem diversidade, acessibilidade e bem-estar (Senado Federal, 2025;).

Ao valorizar alimentos de origem sustentável e produzidos de forma agroecológica, podemos oferecer uma alimentação mais nutritiva, segura e adequada às necessidades específicas dessas pessoas. Além disso, essa abordagem promove inclusão, saúde e sustentabilidade, contribuindo para uma melhor qualidade de vida. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a importância da alimentação sustentável e segurança alimentar para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, identificar, caracterizar e analisar publicações que abordem esse tema.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A alimentação de indivíduos com TEA envolve desafios complexos e interdependentes, que não se restringem apenas às questões clínicas ou comportamentais, mas também estão fortemente condicionados pelo contexto socioeconômico e ambiental. Além disso, tal modelo contribui para a redução da oferta de alimentos frescos, variados e livres de contaminantes, restringindo as possibilidades de uma dieta equilibrada aspecto particularmente relevante para indivíduos com TEA, que já podem apresentar restrições alimentares significativas decorrentes de seletividade alimentar e sensibilidade sensorial (Magagnin et al., 2021).

Nessa perspectiva, o sistema alimentar global dominante apresenta-se impulsionado pelo capitalismo e pela colonialidade, priorizando o lucro e a acumulação de capital por grandes corporações. Esse modelo costuma usar monoculturas em larga escala, com uso intensivo de



agrotóxicos e fertilizantes químicos, o que pode impactar bastante o meio ambiente e a saúde. Incluindo a isso, há um distanciamento entre o campo e a cidade, e muitas vezes os hábitos alimentares impostos não respeitam as culturas locais, o que pode levar à perda de diversidade cultural e alimentar (Becker; Ximenes, 2023).

Contudo, o aumento da fome e da má nutrição, que inclui tanto a obesidade quanto a desnutrição, mostra como esse modelo não consegue atender às necessidades de todos de forma equilibrada. Ainda observa-se um crescimento alarmante na incidência de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), como diabetes mellitus tipo 2, hipertensão arterial e doenças cardiovasculares, cujas origens estão frequentemente associadas a padrões alimentares inadequados, marcados pelo consumo excessivo de produtos ultraprocessados, ricos em açúcares, gorduras saturadas e sódio (Brasil, 2014).

Paralelamente, a degradação ambiental desponta como uma consequência direta de práticas agrícolas insustentáveis, incluindo o uso intensivo de agrotóxicos, fertilizantes químicos sintéticos e a adoção de sistemas baseados em monoculturas. Essas práticas não apenas comprometem a qualidade do solo, da água e da biodiversidade, como também acarretam contaminações que repercutem na saúde humana. Essa realidade também evidencia que as crises sanitárias e ambientais estão profundamente interligadas, estabelecendo uma relação de retroalimentação em que a degradação dos ecossistemas impacta negativamente a qualidade e a segurança dos alimentos, enquanto padrões alimentares prejudiciais contribuem para ampliar a pressão sobre o meio ambiente (World Health Organization, 2023).

No contexto dos programas e políticas públicas no Brasil, a Agroecologia e a Nutrição atuam de forma integrada, mesmo que enfrentem algumas limitações. Ambas trabalham juntas para promover a saúde das pessoas e a preservação do meio ambiente, demonstrando um grande potencial para sua expansão. Ao reconhecer essa realidade a lei amplia a proteção social, promove a equidade no acesso a alimentos adequados, fortalece o direito humano à alimentação saudável, contribuem significativamente para a promoção da saúde e da segurança alimentar e nutricional no país (Paula; Bezerra; Paula, 2022).

Dessa forma, podemos citar a Lei 15.131, de 2025, que representa um avanço importante ao estabelecer a terapia nutricional para pessoas com TEA e deve envolver ações de cuidado, promoção e proteção alimentar. A relevância desta lei reside em sua função estratégica de enfrentar os múltiplos e complexos desafios alimentares que afetam pessoas com Transtorno do Espectro Autista, reconhecendo que tais dificuldades não se limitam a aspectos individuais, mas se configuram também como um problema de saúde pública. Além disso, ela reforça a necessidade de que esses cuidados sejam conduzidos por profissionais de saúde habilitados e seguindo protocolos clínicos e diretrizes



terapêuticas oficiais. Isso garante uma via mais segura, eficaz e humanizada, promovendo o bem-estar e os direitos das pessoas com TEA (Senado Federal, 2025).

O relatório *The State of Food and Agriculture 2021*, publicado pela Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO, 2021), enfatiza que a construção de sistemas agroalimentares resilientes a choques e estresses como crises econômicas, mudanças climáticas, pandemias e conflitos constitui um pilar fundamental para assegurar a Segurança Alimentar e nutricional. Tal resiliência não se refere apenas à capacidade de resistir e se recuperar de adversidades, mas também à promoção de sistemas inclusivos, sustentáveis e socialmente justos, que garantam a todos o acesso físico e econômico a alimentos seguros, nutritivos e culturalmente adequados. No caso de grupos populacionais em situação de vulnerabilidade, como pessoas com TEA, essa necessidade torna-se ainda mais urgente, visto que barreiras alimentares específicas incluindo seletividade alimentar, hipersensibilidade sensorial e restrições dietéticas podem intensificar os efeitos da insegurança alimentar.

Ainda no contexto do TEA, a garantia da Segurança Alimentar e nutricional vai muito além de assegurar o abastecimento quantitativo. Ela envolve a qualidade nutricional e a adequação sensorial dos alimentos, de forma a atender às necessidades individuais e estimular a aceitação de diferentes grupos alimentares. Para isso, é imprescindível assegurar o acesso a alimentos livres de contaminantes químicos, como agrotóxicos e aditivos artificiais, que, além de potenciais riscos à saúde, podem gerar alterações sensoriais indesejadas, dificultando ainda mais a adesão alimentar. O relatório da FAO (2021) reforça que sistemas alimentares resilientes devem ser adaptados às diversas realidades sociais, culturais e biológicas, o que, no caso de pessoas com autismo, demanda a integração de práticas sustentáveis como a agroecologia a estratégias personalizadas de educação alimentar e nutricional, visando tanto à saúde física quanto ao bem-estar social e psicológico.

Dessa forma, ao alinhar as diretrizes da FAO (2021) com a perspectiva do TEA, evidencia-se que promover sistemas alimentares sustentáveis, diversificados e inclusivos é uma estratégia crucial para reduzir desigualdades e ampliar o acesso a dietas compatíveis com as necessidades desse público. Essa abordagem fortalece o direito humano à alimentação adequada e saudável, ao mesmo tempo em que favorece a preservação ambiental e fomenta a inclusão social. Assim, a adoção de políticas públicas integradas, baseadas na resiliência agroalimentar e na produção sustentável, representa um caminho promissor para conciliar saúde, sustentabilidade e equidade, beneficiando tanto as pessoas com TEA quanto a sociedade como um todo.

Desse modo essa abordagem está alinhada com os princípios da agroecologia e da segurança alimentar, que promovem práticas sustentáveis, diversificadas e acessíveis para garantir uma alimentação saudável e equilibrada para todos. Ao valorizar uma alimentação baseada em alimentos de origem sustentável e em protocolos clínicos bem fundamentados, a lei contribui para fortalecer a



segurança alimentar, promovendo o direito de todas as pessoas, incluindo as com TEA, a uma alimentação nutritiva, segura e respeitosa ao meio ambiente (Magagnin et al., 2021).

3 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma revisão integrativa da literatura, adotando uma abordagem qualitativa e descritiva. Essa metodologia possibilita a consolidação dos conhecimentos adquiridos, além de facilitar a aplicação prática dos estudos relevantes, permitindo também a síntese dos achados das evidências científicas (Gil, 2017).

A pesquisa foi estruturada com o uso do operador booleano AND, sendo realizadas duas buscas principais no banco de dados do Portal Periódico Capes, com os descritores: agroecologia AND segurança alimentar e autismo AND nutrição. Assim, pode se obter produções científicas, além do uso de outras referências encontradas no google com os mesmos descritores.

Para a realização desta pesquisa, adotaram-se as seis etapas previstas na revisão integrativa, conforme delineado por Botelho, Cunha e Macedo (2011). Inicialmente, o problema de pesquisa foi definido e delimitado. Em seguida, realizou-se a busca e a avaliação crítica dos dados, a fim de assegurar sua qualidade e relevância. A busca resultou em 40 artigos no total, dos quais apenas 10 foram selecionados após leitura criteriosa dos títulos e resumos pela autora. O processo de seleção ocorreu entre 04 e 09 de julho de 2025, garantindo um rigor metodológico na escolha das referências.

Posteriormente, foi efetuada a análise das informações coletadas, seguida da discussão dos resultados obtidos. Por fim, delineou-se o conhecimento acumulado desenvolvido durante a investigação.

4 RESULTADOS ESPERADOS

Para elaborar o quadro comparativo, realizou-se um levantamento dos artigos que abordavam o tema proposto. Este inclui o título do artigo, o periódico em foi publicado, o ano de publicação e os autores dos artigos encontrados que citam pessoas com Transtorno do Espectro Autista relacionada a alimentação sustentável, agroecologia e segurança alimentar a qual foram organizados e numerados de forma cronológica.

Dos artigos selecionados, dois eram de origem internacional e oito, nacionais. Dentre os nacionais, quatro abordavam a temática da alimentação voltada a pessoas com Transtorno do Espectro Autista, enquanto os demais seis tratavam de agroecologia, alimentação sustentável e seus respectivos aspectos.

Assim, a relação entre a agroecologia, a alimentação sustentável e a segurança alimentar para pessoas com TEA emerge como um campo crucial para a saúde e o bem-estar dessa população, embora com desafios específicos.



Com base nas informações fornecidas durante a análise dos estudos, desenvolveram-se as seguintes temáticas:

Quadro 1- Análise de Conteúdo:

Título do artigo	Periódico	Ano de publicação	Autores
1. Seletividade alimentar e perfil sociodemográfico de crianças com transtorno do espectro autista de um movimento social de Macaé, Rio de Janeiro	Revista de Segurança alimentar e nutricional. Campinas, SP	2023	ALVES, Beatriz Grazielle Thomaz; CAPELLI, Jane de Carlos Santana; MONTEIRO, Luana Silva ; SPERANDIO, Naiara ; OLIVEIRA, Cinara Costa de ; VIVIANI, Ana Glauca Guariento; JEVAUX, Giulia Daflon ; PAES, Carina de Aquino
2. O transtorno do Espectro Autista e a alimentação – uma revisão	Brazilian Journal of Health Review. Curitiba, PR	2023	QUINTANA, Fagner Machado; TIECHER, Aline; RIBEIRO, Guilherme; RIBEIRO, Paula Ferreira de Araujo
3. Estado nutricional, educação alimentar e nutricional: possibilidades em um instituto de educação especial no extremo sul do estado de Santa Catarina	Revista Caribena de las Ciencias Sociales. Miami, EUA	2023	GUIMARÃES, Paula Rosane Vieira; VICÊNCIA, Vera Lucia; RIBEIRO, Rita Suselaine Vieira; SPILERE, Caroline Inácio; FABRE, Liz Corrêa; JESUS, Renata Amâncio Teixeira de
4. Comportamento alimentar de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na perspectiva da Segurança Alimentar e Nutricional	Revista Saúde e Desenvolvimento Humano. Campinas, RS	2024	SILVA, Letícia Marinho Alves; AUGUSTO, Ana Lúcia Pires; SOUZA, Thais Salema Nogueira
5. Articulações entre Agroecologia, Soberania Alimentar e Segurança Alimentar e Nutricional na Educação do Campo.	Revista Brasileira de Educação do Campo	2024	PEREIRA, Viviane Camejo; GONZÁLEZ, Shirley Rodríguez
6. Resgate alimentar da biodiversidade através dos alimentos agroecológicos e da ecogastronomia: uma revisão	Revista Nativa. Sinop, MT	2024	BRANCO, Camila da Silva Vaz; SILVA, Elga Batista da; BARBOSA, Maria Ivone Martins Jacintho
7. A agroecologia e os serviços ecossistêmicos no contexto latino-americano: uma revisão sistemática	Revista Brasileira de Agroecologia. Brasília, DF	2024	SANTOS, Rebecka A. A.; VESTENA, Leandro R
8. Iniciativas de hortas urbanas em espaços reduzidos: cultivando sustentabilidade e saúde nas cidades.	Revista Verde. Pombal, PB	2024	SANTOS, Ramôn da Silva; PEREIRA, Arildo Gonçalo; COARACY, Thiago do Nascimento; COSTA, Dayane Mara; MEIRELES, Denisvaldo Artur de; SANTOS, Paulo César da Silva; BARBOSA NETO, Miguel Avelino; MEDEIROS, Robson Luis Silva de.
9. Uma revisão abordando como o ensino da agroecologia pode melhorar a segurança alimentar e nutricional.	Contribuciones a Las Ciencias Sociales. São José dos Pinhais, PR	2024	GEORGIN, Jordana; BOURSCHEID, Jacinta Lourdes Weber; TOEBE, Carlisa Smoktunowicz; TOEBE, Josué; PINZON, Jaqueline; NASCIMENTO, Sinara Greice Reginato do.



10. Panorama brasileiro de produções acadêmicas acerca da agroecologia e segurança alimentar.	Revista Semiário De Visu Petrolina, PE	2024	BRANDÃO, Luma Mirely de Souza; SANTOS, Maria Herbênia Lima Cruz; SANTOS, Emanuel Ernesto Fernandes; LIMA, Artur Gomes Dias.
---	--	------	---

Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

4.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E DESAFIOS ALIMENTARES

O TEA é uma doença neurodesenvolvimental de início precoce, tipicamente nos primeiros anos de vida, e é considerada uma deficiência pela lei. Não há características físicas óbvias neste grupo de indivíduos, mas aqueles com TEA, no entanto, geralmente apresentam comportamentos distintos, linguagem e interação social que podem altamente perturbar seus padrões alimentares e dietéticos. Essas singularidades têm implicações no consumo de alimentos e suas consequências no estado nutricional, com altos riscos para o crescimento e desenvolvimento infantil adequados, constituindo um desafio substantivo para garantir a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) dessa população (Silva; Augusto; Souza, 2024).

Como resultado, padrões alimentares restritivos, seletivos, aversivos e ritualizados são frequentemente exibidos em pessoas com TEA. Essas características tornam desafiador comer uma variedade de alimentos em quantidade e qualidade suficientes e podem ter impacto sério no estado nutricional e na saúde. As modificações dietéticas mais comuns são problemas motores orais, especialmente mastigação, seletividade alimentar severa, Transtorno do Processamento Sensorial com intolerâncias texturais, de sabor e olfativas, e doenças gastrointestinais e deficiências nutricionais. Essas razões destacam a necessidade de intervenções interdisciplinares que incluam não apenas as perspectivas nutricionais, mas também as dimensões sensoriais, comportamentais e clínicas relacionadas ao autismo (Alves et al., 2023).

Segundo Quintana et al. (2023), a seletividade alimentar é um comportamento caracterizado pela recusa frequente de alimentos, baixo apetite e desinteresse geral pela alimentação, resultando na exclusão de uma ampla variedade de itens da dieta. No contexto do TEA, essa condição se manifesta de forma mais intensa, com crianças frequentemente demonstrando forte resistência a alterações na rotina alimentar, bem como aversões marcadas a características sensoriais dos alimentos, como textura, cor, aroma, formato e até mesmo à aparência das embalagens.

O estudo de Alves et al. (2023) em crianças com TEA, indicou que mais de 50% da amostra de crianças tinham algum grau de seletividade alimentar, e crianças em idade pré-escolar eram particularmente suscetíveis à recusa alimentar. Um padrão comumente observado é a evitação de vegetais crus, de modo que a ingestão de fibras, vitaminas e minerais não atende às recomendações. Esses achados apoiam a necessidade de intervenções nutricionais personalizadas com base nas peculiaridades sensoriais e comportamentais das crianças com TEA, para facilitar dietas mais diversificadas e equilibradas.



Alem disso, é comum que pessoas com TEA apresentem o Transtorno do Processamento Sensorial (TPS), condição que compromete a capacidade do cérebro de interpretar adequadamente estímulos sensoriais, como os táteis, gustativos, olfativos, visuais e auditivos, inclusive aqueles presentes no contexto alimentar. A relação entre os TPS e a alimentação no TEA pode ser entendida como um mecanismo de filtragem hipersensível, no qual o cérebro autista reage de forma intensa a estímulos sutis como texturas específicas ou sons produzidos durante a mastigação, que passam despercebidos para a maioria das pessoas.

Entre as manifestações observadas em escolares com TEA, destacam-se dificuldades na mastigação e deglutição, como engolir alimentos sem mastigá-los adequadamente, dificuldades para mover o alimento dentro da boca, recusa no uso de talheres, resistência em permanecer sentado à mesa e preferência por alimentos com textura macia e úmida. Essas alterações parecem estar diretamente relacionados às dificuldades sensório-motoras envolvidas no ato de comer e podem gerar reações adversas a determinados alimentos, dificultando significativamente o momento da refeição (Silva; Augusto; Souza, 2024).

Os distúrbios alimentares observados no TEA representam um risco direto à SAN, uma vez que padrões restritivos e altamente seletivos de dieta podem levar a carências nutricionais, maior vulnerabilidade biológica e agravamento de problemas gastrointestinais. Essa configuração alimentar está intimamente relacionada à hiper-reatividade sensorial, que torna o ato cotidiano de se alimentar uma experiência aversiva e desgastante. Tal dinâmica contribui para a manutenção de um repertório alimentar reduzido e, conseqüentemente, para potenciais limitações nutricionais que impactam a saúde global da pessoa autista.

Em síntese, os desafios enfrentados pelas pessoas com TEA no campo da alimentação e nutrição evidenciam a urgência da implementação de políticas públicas específicas, que reconheçam suas particularidades e promovam a inclusão efetiva. A atuação de equipes multiprofissionais, com destaque para o papel dos nutricionistas, é fundamental para garantir a Segurança Alimentar e Nutricional e assegurar o cumprimento do Direito Humano à Alimentação Adequada. A abordagem integrada e sensível às necessidades dessa população contribui não apenas para a melhoria do estado nutricional, mas também para o fortalecimento da autonomia, da qualidade de vida e da equidade no acesso a alimentos saudáveis e culturalmente apropriados (Guimarães et al., 2023).

4.2 AGROECOLOGIA, ALIMENTAÇÃO SUSTENTÁVEL E SEGURANÇA ALIMENTAR

A Segurança Alimentar e Nutricional representa um direito fundamental, que assegura o acesso regular e permanente a alimentos em quantidade e qualidade adequadas, seguros do ponto de vista sanitário, nutricionalmente balanceados e culturalmente apropriados. Mais do que suprir necessidades fisiológicas, a SAN está intrinsecamente ligada à garantia de uma vida digna, livre da fome e do medo



de sua recorrência. Trata-se de um conceito amplo e multidimensional, que abrange aspectos nutricionais, ambientais, éticos, socioculturais e políticos (Pereira; González, 2024).

Ao reconhecer suas múltiplas dimensões, a SAN vai além da simples garantia de disponibilidade de alimentos. Ela incorpora princípios fundamentais como o respeito à diversidade cultural, a sustentabilidade dos sistemas alimentares e o compromisso com a equidade e a justiça social. Dessa forma, promover a SAN significa não apenas assegurar que os alimentos estejam acessíveis, mas também que sejam apropriados do ponto de vista cultural, produzidos de maneira ambientalmente responsável e distribuídos de forma justa. Assim, ela pode ser entendida como um processo que envolve o enfrentamento das desigualdades estruturais econômicas, sociais e territoriais e a construção de políticas públicas integradas, que visem à soberania alimentar e ao pleno desenvolvimento humano. (Branco; Silva; Barbosa, 2024).

A adoção de práticas agroecológicas e sustentáveis representa uma estratégia promissora para a promoção da SAN, especialmente diante dos desafios alimentares enfrentados por diferentes grupos da população, incluindo pessoas com TEA. Esse modelo valoriza a biodiversidade agrícola, elemento essencial para a resiliência dos sistemas alimentares e para a produção de alimentos mais ricos em micronutrientes, vitaminas e minerais componentes fundamentais para uma dieta equilibrada e saudável (Santos; Vestena, 2024).

Além disso, o incentivo ao cultivo local, inclusive em pequenos espaços urbanos por meio de hortas comunitárias ou domésticas, contribui não apenas para a garantia da procedência dos alimentos, mas também para a preservação de seu valor nutricional. Ao mesmo tempo, reduz a dependência de agrotóxicos, promovendo uma alimentação mais segura e livre de contaminantes. Dessa forma, a agroecologia não só responde a questões ambientais e nutricionais, como também fortalece a autonomia alimentar das comunidades e favorece a inclusão de públicos com necessidades alimentares específicas, como o TEA (Santos et al., 2024).

Nesse contexto, a agroecologia se destaca como uma abordagem integradora que promove diversos benefícios, especialmente para indivíduos com TEA. Entre seus principais destaques estão a sustentabilidade ambiental, ao preservar os recursos naturais e reduzir o uso de insumos químicos; a ampliação do acesso e da diversidade alimentar, essencial para dietas mais equilibradas e adaptadas às necessidades específicas; e o fortalecimento da conexão com os processos de produção de alimentos, o que pode estimular maior autonomia e consciência alimentar (Georgin et al., 2024; Santos; Vestena, 2024).

Além disso, ao fortalecer o enfrentamento da insegurança alimentar, a agroecologia promove não apenas a produção de alimentos saudáveis, mas também a inclusão social e a garantia do direito humano à alimentação adequada. No contexto das pessoas com TEA, essas práticas ganham uma dimensão adicional, pois podem favorecer benefícios terapêuticos e de bem-estar decorrentes do



engajamento sensorial, da previsibilidade nas rotinas alimentares e da participação ativa nos processos de cultivo e preparo dos alimentos. Essa articulação entre prática agroecológica e experiência sensorial contribui para um cuidado mais integral, humanizado e alinhado às necessidades específicas desse público (Brandão et al., 2024).

Nesse sentido, a agroecologia e a alimentação sustentável extrapolam a dimensão meramente produtiva, configurando-se como uma filosofia de vida e um modelo de organização social que reconhece e valoriza a biodiversidade, a saúde ambiental e as interações sociais e culturais estabelecidas em torno dos alimentos. Essa abordagem integra saberes tradicionais e conhecimentos científicos, promovendo sistemas alimentares que respeitam os ciclos naturais, fortalecem a soberania alimentar e preservam recursos para as gerações futuras. Tais princípios assumem papel estratégico, pois favorecem o acesso a alimentos mais saudáveis, variados e livres de contaminantes, ampliando as possibilidades sensoriais e nutricionais, aspectos essenciais para enfrentar a seletividade alimentar e melhorar a qualidade de vida desse público (Ge-organ et al., 2024).

Dessa forma, ao articular saúde, inclusão social e sustentabilidade, a agroecologia oferece um caminho consistente para a formulação e implementação de políticas públicas voltadas à equidade no acesso a alimentos adequados e saudáveis. Essas políticas, alinhadas à segurança alimentar e nutricional, devem contemplar desde o fortalecimento da produção local até a promoção de práticas alimentares culturalmente significativas e adaptadas às necessidades específicas de grupos vulneráveis, como as pessoas com TEA. Ao unir produção sustentável, respeito às diferenças e justiça social, a agroecologia consolida-se como uma ferramenta efetiva para transformar o sistema alimentar, reduzindo desigualdades e promovendo o bem-estar coletivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho evidenciou a importância de estratégias alimentares adaptadas às necessidades específicas de pessoas com TEA, reconhecendo que suas particularidades sensoriais influenciam diretamente a aceitação e a adesão a uma dieta equilibrada. As questões como seletividade alimentar, hipersensibilidade a texturas, cores, odores e sabores, bem como a resistência à introdução de novos alimentos, configuram desafios significativos para a manutenção de uma alimentação nutricionalmente adequada.

No entanto, ainda faltam mais estudos sobre o impacto real da alimentação baseada em práticas agroecológicas na saúde e na qualidade de vida dessas pessoas, o que limita a implementação de políticas públicas. Com isso, há motivos para acreditar que a adoção de uma alimentação sustentável, produzida por meio de práticas agroecológicas, contribua de forma positiva para a segurança alimentar, a saúde e o bem-estar de pessoas com TEA, promovendo uma melhora na qualidade de vida e na inclusão social desses indivíduos.



Com isso, torna-se fundamental que tais estratégias sejam construídas de forma personalizada, contemplando não apenas a adequação nutricional, mas também a dimensão sensorial e cultural do ato de se alimentar, a fim de promover maior engajamento e bem-estar no processo alimentar. Essa abordagem pode reduzir os riscos associados ao consumo de alimentos industrializados e impactar de forma favorável o meio ambiente, alinhando-se aos princípios de sustentabilidade e justiça social.

Para esse público, a agroecologia pode representar uma alternativa significativa, ao oferecer alimentos livres de agrotóxicos, com maior valor nutricional e variedade sensorial, além de favorecer uma relação mais consciente e positiva com o ato de se alimentar. Assim, torna-se essencial considerar essas especificidades na formulação de estratégias de cuidado e políticas públicas inclusivas, que assegurem o direito à alimentação adequada e saudável para pessoas com TEA.



REFERÊNCIAS

ALVES, Beatriz Grazielle Thomaz; CAPELLI, Jane de Carlos Santana; MONTEIRO, Luana Silva; SPERANDIO, Naiara; OLIVEIRA, Cinara Costa de; VIVIANI, Ana Glauca Guariento; JEVAUX, Giulia Daflon; PAES, Carina de Aquino. Seletividade alimentar e perfil sociodemográfico de crianças com transtorno do espectro autista de um movimento social de Macaé, Rio de Janeiro. *Segurança Alimentar e Nutricional*, Campinas, v. 30, e023035, 2023. DOI: 10.20396/san.v30i00.8673758.

ANDRADE, Wildes Souza; SARAIVA, Vitória Hellen Cardoso; PREVIERO, Conceição Aparecida. A agroecologia e povos quilombolas no Tocantins: diálogos entre conhecimentos tradicionais e projetos de sustentabilidade. *Singular – Meio Ambiente e Agrárias*, Palmas, v. 1, n. 3, p. 6-19, jul./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.33911/singular-maa.v1i3.201>.

BECKER, Cláudio; XIMENES, Raphaela P. Políticas públicas de fortalecimento à Agroecologia como dispositivo de conexões entre campo e cidade: uma análise a partir do estado do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 18, n. 6, p. 804-824, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33240/rba.v18i6.51592>.

BOTELO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. DOI: <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>.

BRANCO, Camila da Silva Vaz; SILVA, Elga Batista da; BARBOSA, Maria Ivone Martins Jacintho. Resgate alimentar da biodiversidade através dos alimentos agroecológicos e da ecogastronomia: uma revisão. *Nativa*, Sinop, v. 12, n. 2, p. 226-235, 2024. DOI: <https://doi.org/10.31413/nat.v12i2.14125>.

BRANDÃO, Luma Mirely de Souza; SANTOS, Maria Herbênia Lima Cruz; SANTOS, Emanuel Ernesto Fernandes; LIMA, Artur Gomes Dias. Panorama brasileiro de produções acadêmicas acerca da agroecologia e segurança alimentar. *Revista Semiárido De Visu*, v. 12, n. 1, p. 65-81, fev. 2024. DOI: <https://doi.org/10.31416/rsdv.v12i1.510>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira. 2. ed., 1. reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. The state of food and agriculture 2021: making agri-food systems more resilient to shocks and stresses. Rome: FAO, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4060/cb4476en>.

GEORGIN, Jordana; BOURSCHEID, Jacinta Lourdes Weber; TOEBE, Carlisa Smoktunowicz; TOEBE, Josué; PINZON, Jaqueline; NASCIMENTO, Sinara Greice Reginato do. Uma revisão abordando como o ensino da agroecologia pode melhorar a segurança alimentar e nutricional. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, São José dos Pinhais, v. 17, n. 1, p. 8967-8984, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.1-541>.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.



GUIMARÃES, Paula Rosane Vieira; VICÊNCIA, Vera Lucia; RIBEIRO, Rita Suselaine Vieira; SPILERE, Caroline Inácio; FABRE, Liz Corrêa; JESUS, Renata Amâncio Teixeira de. Estado nutricional, educação alimentar e nutricional: possibilidades em um instituto de educação especial no extremo sul do estado de Santa Catarina. *Revista Caribena de las Ciências Sociales*, Miami, v. 12, n. 1, p. 104-114, 2023. DOI: <https://doi.org/10.55905/rcssv12n1-006>.

MAGAGNIN, Tayná; SILVA, Marco Antônio da; NUNES, Rafael Zaneripe de Souza; FERRAZ, Fabiane; SORATTO, Jacks. Aspectos alimentares e nutricionais de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310104>.

PAULA, Natália Ferreira de; BEZERRA, Islandia; PAULA, Nilson Maciel. Saúde coletiva e agroecologia: necessárias conexões para materializar sistemas alimentares sustentáveis e saudáveis. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 46, n. esp. 2, p. 262-276, jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E218>.

PEREIRA, Viviane Camejo; GONZÁLEZ, Shirley Rodríguez. Articulações entre Agroecologia, Soberania Alimentar e Segurança Alimentar e Nutricional na Educação do Campo. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, Tocantinópolis, v. 9, e17687, 2024. DOI: <https://doi.org/10.70860/ufnt.rbec.e17687>.

QUINTANA, Fagner Machado; TIECHER, Aline; RIBEIRO, Guilherme; RIBEIRO, Paula Ferreira de Araujo. O transtorno do Espectro Autista e a alimentação – uma revisão. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 6, n. 5, p. 23631-23651, set./out. 2023. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n5-419>.

SANTOS, Ramôn da Silva; PEREIRA, Arildo Gonçalo; COARACY, Thiago do Nascimento; COSTA, Dayane Mara; MEIRELES, Denisvaldo Artur de; SANTOS, Paulo César da Silva; BARBOSA NETO, Miguel Avelino; MEDEIROS, Robson Luis Silva de. Iniciativas de hortas urbanas em espaços reduzidos: cultivando sustentabilidade e saúde nas cidades. *Revista Verde*, v. 19, n. 2, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18378/rvads.v19i2.10317>.

SANTOS, Rebeqa A. A.; VESTENA, Leandro R. A agroecologia e os serviços ecossistêmicos no contexto latino-americano: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 19, n. 3, p. 353-370, 2024. DOI: <https://doi.org/10.33240/rba.v19i3.53881>.

SENADO FEDERAL. Lei garante terapia nutricional para autistas. Agência Senado, Brasília, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2025/04/30/lei-garante-terapia-nutricional-para-autistas>.

SILVA, Leticia Marinho Alves; AUGUSTO, Ana Lúcia Pires; SOUZA, Thais Salema Nogueira. Comportamento alimentar de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na

perspectiva da Segurança Alimentar e Nutricional. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, v. 12, ed. 1, p. 1-14, 21 jun. 2024. DOI: <https://doi.org/10.18316/sdh.v12i1.10512>.

SILVA, Maurilia Gomes; SILVA, Renata Machado; MARINHO, Wanessa Natividade. Agroecologia: caminho para a segurança alimentar e nutricional. *Cadernos de Agroecologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2024. Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/9156/6792>.



UCHOA, Brunna Karoliny Pereira; ARAÚJO, Antônia Edda; MENESCAL, João Vicente; LEITE, Álvaro Jorge Madeiro .“Esse menino não come” – narrativas de mães sobre seletividade alimentar e autismo. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, São Carlos, v. 32, e3848, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO396738481>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Noncommunicable diseases: key facts. Geneva: WHO, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/noncommunicable-diseases>.

